

Convívio em Assis

Apontamentos da Lição do Padre Paolo Prosperi

Sexta-feira, 24 de março de 2023

1. A caminho da liberdade

Todos os anos, na Quaresma, a Igreja convida-nos a fixar o nosso olhar na grande epopeia do Êxodo de Israel da escravidão do Egito para a terra prometida, a terra da liberdade, que não é a América – a da canção que, não por acaso, quis dar-vos a ouvir¹ – mas sim a terra de Canaã, onde «jorra leite e mel». Podíamos, com toda a legitimidade, perguntar-nos: porquê? Se já fomos «libertados do jugo do mal», como se canta num hino de Quaresma familiar para muitos de vocês, por que é que há sempre necessidade dum novo êxodo? Somos livres ou não somos livres? Cada um de nós o sabe e pode responder por si: em parte sim, e em parte não. E isto por muitas razões, uma das quais é o facto de que há tantos *Egitos* que nos mantêm prisioneiros, não há apenas um. Há tantas formas de escravidão na nossa vida e, sobretudo, há sempre novas a surgir, com o mudar das circunstâncias e da mentalidade que domina o ambiente em que vivemos – uma mentalidade que, como insistentemente sublinha a Escola de Comunidade que estamos a fazer, exerce inevitavelmente um poder de sedução sobre nós, quer nos demos conta disso ou não. Qualquer época, qualquer momento histórico, tem o seu “Egito invisível”. Ou seja, o ambiente é caracterizado por uma determinada ideologia dominante, por uma determinada mentalidade que domina a sociedade e que se torna um desafio para o cristão, ou seja, tentação, prova, e precisamente por isso, ao mesmo tempo, *ocasião* de amadurecimento e enriquecimento. Porque até mesmo a tentação, se for atravessada e vencida com a espada do discernimento – para usar um termo querido do Papa Francisco – nos torna mais conscientes e fortes e, por isso, paradoxalmente, enriquece-nos:

*É impossível viver dentro dum contexto geral sem sermos por ele influenciados [...]. No nosso espírito inquieto e confuso está presente a mentira da mentalidade de hoje, da qual também participamos, pois somos filhos da realidade histórica que é o humano e temos de passar através de todas as dificuldades, as tentações, os resultados amargos, mantendo a esperança que é vida da vida.*²

Perguntemo-nos então: qual é hoje o Egito no qual mais ou menos todos vivemos, respirando o seu ar, quer nos agrade ou não? Poderíamos dizer muitas coisas. Eu hoje quero deter-me com vocês sobretudo sobre um aspeto particular deste novo “Egito”, que irei descrever indo buscar a inspiração a um livrinho dum interessante filósofo coreano germanizado, Byung Chul Han, que um amigo me deu recentemente a conhecer. O título do livro é *A sociedade do cansaço* e aconselho a sua leitura especialmente aos apaixonados de Vasco Rossi, sendo Han (*relata refero!*) um dos seus pensadores de referência. Vamos então começar!

¹ The Bay Ridge Band, *New Creation*, do CD *Spirituals and songs from the Stoop*, 1999, © Euro Company.

² L. GIUSSANI, *Dar a vida pela obra de Outro*, Paulus, Lisboa 2022, pp. 98-99.

2. Uma nova (porém antiga?) escravidão: a sociedade da prestação

Uma das cenas que sempre achei mais impressionantes no Livro do Êxodo é logo no início, quando o autor sagrado, com duas breves pinceladas, descreve o sofrimento dos filhos de Israel no Egito, obrigados a trabalhar como bestas de carga, sob os golpes de chicote dos algozes, para construir a cidade do Faraó. Lembro-me que quando era pequeno, de todas as vezes que via na televisão o velho filme «Os dez mandamentos», de Cecile De Mille, a parte que me comovia mais era precisamente a inicial, quando se via aquela enorme multidão de homens, incluindo velhos e crianças, que trabalhavam como bestas nas obras das pirâmides. Era uma criança, mas sabe-se lá porquê, ao ver aqueles seres humanos chicoteados como mulas, comovia-me até às lágrimas, quase como se o meu coração intuísse que, na realidade, naquelas cenas havia alguma coisa que tinha muito a ver comigo, ainda que não soubesse dizer o que era:

[11] Impuseram-lhe então chefes de trabalhos forçados para o oprimirem com carregamentos. E construiu para o faraó as cidades-armazém de Pitom e Ramessés. [...] Os egípcios estavam preocupados com os filhos de Israel, e reduziram-nos a uma dura servidão. [14] Tornaram-lhes a vida amarga com uma pesada servidão: barro, tijolos, toda a espécie de trabalhos no campo, tudo uma dura servidão. (Ex 1,11-14)

Ora, penso que estamos todos de acordo sobre o facto de que este tipo de escravidão já não é o dominante na nossa sociedade de hoje. Se o marxismo falhou, pelo menos na sua versão clássica, é precisamente porque a dialética servo-patrão, oprimido-opressor, parece já não descrever a realidade da sociedade neoliberal em que vivemos hoje. O italiano médio – generalizemos: o homem ocidental médio – em geral, pôde mais ou menos escolher os seus estudos (imagino que quase todos vocês podem dizer isto) e muitas vezes também o seu trabalho (não sempre, claro). Se se empenhar, recebe prémios, faz carreira e, sobretudo, ganha um bom dinheiro. Os mais sortudos exercem uma profissão da qual gostam e podem mudar se não lhes agradar, ou então arranjam outra que os atraia mais. A escravidão foi então ultrapassada? Chegou então o tempo em que o homem pode finalmente «comer do fruto do seu próprio trabalho», como diz o salmo (Sal 128, 2)? A resposta, segundo o nosso filósofo, é não. À escravidão material sucedeu outra mais enganadora e paradoxal, mas não menos devastadora. Que escravidão? Numa frase, que, no entanto, devemos decifrar: a escravidão do desempenho, ou, para utilizar (como é obrigatório!) o termo inglês, da *performance*.

Parte da famosa mudança de época que estamos a atravessar consiste talvez precisamente nisto: no facto de que passámos – como diz Han – da sociedade disciplinar, feita de obrigações, deveres e proibições impostos pela ordem estabelecida (encarnada pela família, Igreja, Estado, etc.), à *sociedade do desempenho*, na qual, em teoria, já não existem obrigações, deveres, a não ser o de nos “promover” e nos “eivar” a nós mesmos, o que, essencialmente, significa: ganhar dinheiro e afirmar-se socialmente, demonstrando ser alguém que sabe “fazer a diferença”. «You are the difference you make in the world»,

era o grande mantra que ecoava por todo o lado, quando eu estava nos EUA: «Tu existes, és alguém, na medida em que fazes a diferença». Não importa no quê. O importante é que a faças.

A sociedade do século XXI já não é uma sociedade disciplinar, mas, sim, uma sociedade de produção [...]. Os seus habitantes já não são, por sua vez, “sujeitos de obediência”, mas, sim, “sujeitos de produção”. São empresários de si mesmos.³

Percebe-se, assim, por que é que falei de escravidão *paradoxal*. Paradoxal é aquilo que parece contraditório e, pelo contrário, feitas as contas, se revela correspondente à realidade. No nosso caso: quando pensamos num escravo, pensamos num homem submetido a outro homem, ao ponto de que este outro (o patrão) lhe pode fazer aquilo que quiser, ou seja, pode *explorá-lo*. Ora, na sociedade da produção – defende o nosso filósofo coreano – acontece uma coisa diferente, “paradoxal”, precisamente. Acontece aqui que o empreendedor e o operário, o explorador e o explorado, passaram a ser a mesma pessoa. És tu que te exploras, no sentido de que te cansas já não para agradar a outro, mas para obedecer à tua própria necessidade de te sentires produtivo, bom, um “grande” (para resumir). E por isso, trata-se duma escravidão, num certo sentido, ainda mais opressiva do que aquela exterior ao servo ou ao proletário:

*O tu podes exercer até mais restrições do que o tu deves: **a auto-coerção é mais fatal do que a coerção externa, pois contra nós mesmos não é possível haver nenhuma resistência**. O regime neoliberal esconde a sua estrutura restritiva por detrás da aparente liberdade do indivíduo, que já não se concebe como um sujeito submisso, mas como **um projeto a plasmar**. [És tu que te fazes a ti próprio, é o famoso ideal do *self-made man*]. Nisto consiste a sua astúcia.⁴*

Encontramo-nos, assim, – Chul Han reforça a dose – numa situação paradoxal. A liberdade é exatamente o oposto da coerção: ser livre significa ser livre de obrigações. Ora, esta liberdade – que seria o contrário da obrigação – produz essa mesma obrigação. As doenças como a depressão ou o burnout são expressões duma profunda crise da liberdade [precisamente aquela liberdade que parece ser o valor supremo da nossa sociedade – defende Han – aquela liberdade à qual é consagrada a estátua símbolo da América, é na realidade um dos valores que mais está em crise hoje], são um sinal patológico do facto de que hoje a liberdade se está, geralmente, a transformar em coerção.⁵

Como comentário a estas linhas lúcidas, queria chamar a atenção para dois aspetos. Primeiro, o sujeito de produção, ainda que pareça não ser escravo de ninguém,⁶ é de facto escravo, porque vive uma relação

³ BYUNG CHUL HAN, *La società della stanchezza. Nuova edizione ampliata*, Edizioni Nottetempo, Milão 2020, p. 23.

⁴ BYUNG CHUL HAN, *Eros in Agonia*, Edizioni Nottetempo, Milão 2013, p. 29.

⁵ BYUNG CHUL HAN, *La società della stanchezza*, cit., pp. 109-110.

⁶ «A supressão das instâncias de domínio não conduz à liberdade, produzindo apenas uma equiparação da liberdade e da coação. [...] O excesso de trabalho e de produção conduz, a um nível mais elevado, à autoexploração. Esta é mais eficaz do que a exploração por terceiros, uma vez que vem associada a um sentimento de liberdade. O ser explorado é simultaneamente

com o seu trabalho e, de forma geral, com a sua ação⁷ em tudo semelhante à do escravo. O escravo vive *no medo e na angústia de errar*, porque sabe que se errar, se não fizer tudo aquilo que se espera dele, ficará frustrado. O *sujeito de produção* não tem medo do chicote dos outros, mas sim do chicote do seu próprio “ego” (ou melhor, “*super-ego*”), que lhe diz que, se não conseguir, não vale nada.

Mais: o escravo *não gosta de trabalhar*, porque, por norma, leva a cabo tarefas humilhantes, quando não mesmo esgotantes. Aparentemente, o contrário é verdade para o sujeito de produção. Este empenha-se em atividades nas quais busca prestígio e gratificação. No entanto, obcecado como está com a ansiedade pelos resultados, ele acaba por, ironicamente, não conseguir apreciar aquilo que faz, ainda que talvez tenha uma profissão que, por si só, lhe agradaria. «Emaranhado num inatingível Eu-ideal»,⁸ acaba por ficar esgotado com o trabalho tanto quanto o escravo.⁹ Daqui, segundo o filósofo coreano,¹⁰ o alastrar de *depressões e burnout*:

A queixa que se ouve dos lábios do indivíduo depressivo – Nada é possível – só pode existir numa sociedade que elevou Nada é impossível a máxima. O sentimento de já não ser capaz de poder conduz a uma autocrítica destrutiva e à autoagressão [...].¹¹ O sujeito de produção explora-se a si mesmo até à consumação (burnout). Daí deriva uma autoagressividade que, não raramente, desemboca no suicídio. O projeto revela-se um projétil, que o sujeito de produção aponta contra si próprio.¹²

Temos todos ainda diante dos olhos e no coração um exemplo trágico recente da perspicácia deste diagnóstico. Como não nos lembrarmos daquela pobre rapariguinha de dezanove anos, que tirou a própria vida na casa-de-banho da IULM (universidade italiana, *ndt.*) porque se sentia uma falhada. Claro, é sempre errado e redutor explicar uma tragédia através do contexto social ou cultural. Cada vida humana é um mistério único e irrepitível, em cujo abismo só o olhar de Deus penetra verdadeiramente. No entanto, a pergunta surge, espontânea: como é que é possível sentir-se uma falhada com *apenas 19 anos*, quando se tem ainda toda a vida pela frente? É possível – permitam-me a sugestão – se se vive num ambiente no qual, de manhã à noite, somos bombardeados por uma única e insistente mensagem: tu és a tua *performance*.

Segundo aspeto: a referência de Han à astúcia do regime neoliberal não pode senão fazer-nos pensar no astuto por excelência, a Serpente Antiga (Gen 3,1 ss; Apoc 12,9), o “Faraó dos Faraós”. Com efeito, o (neo)liberalismo parece realizar melhor do que qualquer outra ideologia que o precedeu o sonho de

o que explora – agente e vítima já não se distinguem entre si. [...] As doenças psíquicas da sociedade de produção nada mais são do que manifestações patológicas desta liberdade paradoxal» (BYUNG CHUL HAN, *La società della stanchezza*, cit., p. 29).

⁷ Permito-me sublinhar que a atitude que o sujeito de produção vive em relação ao trabalho entendido como profissão tende a tornar-se (ou, pelo contrário, exprime) uma postura espiritual e psicológica totalizante que invade todas as esferas – vida moral, relações familiares, vida sexual, relações sociais, etc. Veja-se, a este respeito, BYUNG CHUL HAN, *Eros in Agonia*, Edizioni Nottetempo, Milão, 2013.

⁸ *Ibidem*, p. 95.

⁹ Em jargão marxista, dir-se-ia que o sujeito de produção não é menos *alienado* do que o operário do século XIX, porque também ele tende a identificar o valor da sua pessoa com o produto do seu fazer.

¹⁰ Vale a pena referir que a Coreia do Sul é o país em que, se não estou em erro, se regista ainda hoje o número mais alto de horas de trabalho *per capita* do mundo (ou um dos mais altos).

¹¹ BYUNG CHUL HAN, *La società della stanchezza*, cit., p. 28.

¹² BYUNG CHUL HAN, *La società della stanchezza*, cit., p. 96.

qualquer Faraó que se preze, que é o de ter escravos que não saibam que o são e, portanto, são-no mais. Não é por acaso que São João chama ao diabo o pai da *mentira* (Jo 8,44): a arma do grande inimigo de Deus e do homem, desde sempre, foi com efeito o engano, a miragem, a mentira. Ora, onde está aqui o âmago do engano? Chego assim ao terceiro ponto.

3. Na raiz do mal-estar: o *self-made man* e o esquecimento do Deus *tudo em tudo*

O erro – dizia Chesterton – é uma verdade enlouquecida. Ou seja, é uma meia-verdade, uma parte da verdade que é absolutizada como se fosse tudo. Não é por acaso que a palavra *Diabo* (*de diaballo = dividir*) significa *divisor*. O Diabo é *divisor* de muitas coisas: do homem de Deus, da mulher do marido, do amigo do amigo, etc. Mas antes ainda – basta ler com atenção o relato da queda, em Gn 3,1-7 para nos darmos conta disso – ele é divisor no sentido em que instiga a separar uma da outra *as partes* da verdade total, levando-nos a agigantar uma e a *esquecermo-nos* das outras. É isto a idolatria. A idolatria não é apenas adorar estátuas e bezerros de ouro.¹³ Pelo contrário, é também e sobretudo o agigantar de uma parte, uma parte que reluz e atrai o olhar e que acaba por se identificar arbitrariamente com tudo. Ora, qual é, no nosso caso, a parte da verdade agigantada? Esta: é de facto verdade que o homem é concebido para poder incidir sobre a realidade, para melhorá-la com as suas obras; é verdade que o homem não pode realizar-se, não pode ascender – usamos uma palavra bíblica – à “glória” para a qual é feito, ou seja, à sua estatura plena, senão consumindo-se, senão trabalhando para melhorar a realidade, fazendo uso de toda a sua genialidade e criatividade. Don Giussani gostava de citar o salmo 8, para explicar esta ideia:

*Quando contemplo os céus, obra das tuas mãos,
a Lua e as estrelas que Tu criaste:
o que é o homem para te lembrares dele,
o filho do homem para com ele te preocupares?
Quase fizeste dele um ser divino,
de glória e de honra o coroaste.
Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos*

O que é o homem? Um grão de pó, parece um grão de pó. Porém, este grão de pó é «*coroadado de glória*» – diz o salmista. Porquê? «Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos». Este grão de pó é chamado a colaborar com o Criador do céu e da terra para *levar a realidade do mundo ao seu destino*, é chamado – para usar a fantástica expressão do grande Tolkien – a ser *sub-criador*. O próprio Tolkien acreditava a

¹³ Note-se que, segundo a Bíblia, o traço distintivo do ídolo é o de ser feito pelas mãos de quem o adora: «Fizeram um bezerro de ouro no Horeb e adoraram um ídolo de metal fundido. Trocaram assim o seu Deus glorioso pela figura de um animal que come feno». (Sal 106,19-20). Efetivamente, isto é verdade, se olharmos bem não só para o ídolo em sentido próprio (estátua, imagem, etc.) mas também para qualquer outra forma de idolatria, por exemplo, da mulher amada, de um cantor, de um líder político, etc. Em todos estes exemplos, é verdade, trata-se de uma “fabricação” metafórica ou mental. No entanto, trata-se sempre de “fabricações”, dado que ao identificar uma determinada pessoa ou uma determinada coisa com o meu deus, sou sempre eu o artífice da transformação daquela coisa ou daquela pessoa não divina em divindade.

tal ponto seriamente nesta vocação, que com o material que lhe foi fornecido pelo «mundo primário», foi levado a criar a criar todo um «mundo secundário», cuja beleza fascinou e não cessa de fascinar milhões de leitores. Há vocação maior do que esta? O relato da criação de Adão, em Génesis 2, diz isto de forma simbólica, quando nos conta que o Senhor primeiro planta, *Ele mesmo*, o jardim do Éden (Gn 2,8), e depois convida o homem a “guardá-lo e cultivá-lo” (Gn 2, 15). Como que a dizer: o primeiro trabalhador, o primeiro jardineiro, o primeiro “camponês” não é Adão, é o Senhor. Mas isto, por seu turno, significa: cultivar, ou seja, trabalhar a terra, não é uma tarefa de escravos, como pensavam os habitantes da Babilónia, ou seja, os inimigos culturalmente mais fortes de Israel¹⁴. É, pelo contrário, a mais honrada das tarefas, porque significa imitar o Senhor dos Senhores, o criador do céu e da terra.

Mas aqui surge o engano: dizer *sub*-criador, para ficarmos com o termo usado por Tolkien, significa dizer que o homem é chamado a trabalhar uma terra que, antes de mais, não foi ele que fez, uma terra que lhe foi colocada nas mãos por Outro. Eu não posso fazer nada «com nada» e «do nada». O meu trabalho aplica-se sempre a alguma coisa que não fui eu que fiz – a começar por aquela coisa que é o meu próprio eu, como *don* Giuss sempre nos repetiu: «não sou eu que me faço», ainda que seja certamente verdade que também depende de mim procurar todos os dias melhorar-me, ser um homem melhor.

Ora, por que é que é importante ter isto presente? Por que é que é importante *fazer memória* disto, para usar a lindíssima fórmula *giussaniana* (digo lindíssima porque a expressão *fazer memória* diz que o não esquecer é já uma ação, um fazer, aliás é o trabalho mais importante que existe: com efeito, este que está aqui sentado à minha direita “o que é que faz”, é consultor de empresas? Não, em primeiro lugar, é *memor Domini!*)? É importante por diversas razões, mas aqui sublinho uma: porque fazer memória disto (do facto de que aquilo que tenho nas mãos é-me confiado por Outro) não retira “glória”, ou seja, “peso, importância”¹⁵ a mim e à minha ação. Antes, é aquilo que me permite aperceber-me do quão grande é esta “glória”. Aquilo que dá um peso infinito à minha ação, com efeito, não pode ser *o que faço ou quanto faço*, porque aquilo que faço é sempre finito. Ainda que eu não seja o Novak Djokovic e vença 22 *slams*, é ainda assim um número finito (com efeito, depois chega outro que vence 27 e entro em depressão!). Aquilo que faço é sempre finito. Mas eu tenho sede de uma glória infinita! Daí aquele fazer sem nunca alcançar a gratificação, que conhecemos bem: «O sujeito – escreve ainda Han – consome-se como numa roda dum hamster, que gira cada vez mais depressa sobre si mesma».¹⁶ Ora, há alguma coisa que possa resgatar as minhas ações da finitude, há alguma coisa que possa dar à minha ação um valor verdadeiramente infinito? Sim, há, como o sabe quem, de entre nós, fez e faz a experiência disso: aquilo que introduz o *gosto* do infinito na ação – qualquer ação, aliás a mais humilde e pequena – é o vivê-la como resposta amorosa à voz do Infinito que me chama àquela ação. O que, em pobres palavras, significa: viver a *memória de Deus*.

¹⁴ Também nos mitos dos habitantes da Babilónia, os homens são postos pelos deuses a trabalhar a terra. Mas aí são-no na qualidade de escravos, que fazem o trabalho “sujo” que os deuses não se querem rebaixar a fazer. Na Bíblia, pelo contrário, tudo é invertido. É Deus que planta o jardim e o dá ao homem para que o goze, donde o paradoxo é que parte deste “gozar” reside exatamente no facto de ser chamado a colaborar com o Criador e a tornar o mundo um jardim cada vez mais bonito. Permito-me remeter, para um aprofundamento deste ponto, para P. PROSPERI, *Sulla caduta degli angeli. Indagine sulle origini del male*, Marcianum Press, Roma 2023, pp. 166-168.

¹⁵ Em hebraico, glória diz-se *kabod*, que significa precisamente “peso” (como quando se diz: aquela é uma pessoa de “peso”, ou seja, cuja presença e palavra “pesa”).

¹⁶ BYUNG CHUL HAN, *La società della stanchezza*, cit., p. 87; itálico meu.

Ora, se estiver a ver bem, na raiz daquilo a que chamámos *sujeito de produção*, está o exato oposto desta memória, ou o «*esquecimento do Deus tudo em tudo*» – para usar a poderosa expressão da Escola de Comunidade que estamos a fazer. Donde, a palavra-chave aqui é precisamente a palavra *esquecimento*, porque esta descreve com mais exatidão a dinâmica duma negação que não é teórica, mas sim prática, existencial. Se virem bem, segundo a Bíblia (o salmo responsorial da missa de ontem dizia e voltava a dizer precisamente isso) é o primeiro de todos os pecados: o pai, poderia dizer-se, de todos os pecados. Com efeito, o que quer dizer esquecer? Não significa esquecer que uma coisa é verdadeira, mas *não pensar nela, não olhar para ela, ou viver como se ela não existisse*. Assim, posso ir à missa todos os domingos e até nos feriados santos, e, porém, viver *como se Deus não existisse*, ou seja, como se toda a minha consistência, ou a minha glória, o meu *pondus*, aquilo que *me dá um “nome”*, estivessem *apenas* naquilo que fiz, faço e farei – e não *também* naquilo que sou *para lá* do que faço. O que sou eu para além do meu fazer? Sou o “resultado” dum contínuo, eletivo Ato de amor – *contínuo* porque eu não recebi o ser há 48 anos e agora sigo em frente sozinho, até que a bateria se descarregue. Não, eu sou *continuamente* “tirado do nada” por Outro que me faz, que me dá o ser. Bem, esquecer o *Deus tudo em tudo*, existencialmente falando, quer dizer isto: viver como se fosse eu a fazer-me (cá está o *self-made man*), e não «Tu-que-me-fazes». Donde a ironia de que a contrapartida deste esquecimento seja exatamente a diminuição do *gosto de fazer*.

As consequências que tem esta perda de gosto, conhecemo-las bem: insegurança, *stress* pelo rendimento, competição, invejas, ciúmes (que detestamos, mas existem), incapacidade de apreciar o sucesso dos outros (ou seja, de genuína caridade para com o próximo); um narcisismo que corrói como caruncho não apenas a nossa relação com o trabalho, mas também com os outros (o que é pior) – porque se a minha “consistência” ou “glória” está *na minha performance*, então terei continuamente necessidade de alguém que aplauda e reconheça a minha performance, que me diga: «és bom!» (será que isto não acontece até demasiadas vezes mesmo nas relações entre nós?). Os outros, como no mito de Narciso, tornam-se espelhos nos quais temos continuamente necessidade de nos olharmos, para procurar a confirmação do facto de que temos valor. As relações corroem-se por dentro, usamo-las sem querer, até contra o nosso querer. Porque uma pessoa queria ser gratuita, pura, sincera e gratuitamente apaixonada pelo bem dos outros, e em vez disso encontra em si esta maldita necessidade duma afirmação de si por parte dos outros, que se insinua subtilmente em todas as relações, tornando-as malditamente políticas, confundindo-as e tornando-as ambíguas. «Infeliz de mim! – apetece gritar com São Paulo – Quem me livrará deste corpo de morte? Sejam dadas graças a Deus, por Jesus Cristo Senhor Nosso» (Rm 7,24-25).

4. E nós vemos a sua glória: Cristo caminho, verdade e vida

Qualquer um pode intuir (mesmo quem não fez um encontro como o nosso), talvez *confusamente*, mas ainda assim intui – que esta vida não é a vida para a qual o coração é feito. O coração quer outra coisa: «Cada um confusamente um bem aprende em que ânimo aquieta, e a ele aspira»¹⁷: *em que ânimo aquieta*, ou seja, encontra repouso, paz, liberdade verdadeira. Qualquer um *confusamente* sabe que é feito para

¹⁷ DANTE ALIGHIERI, *A Divina Comédia. Purgatório*, XVII, vv. 127-128. Tradução de Vasco Graça Moura, Bertrand, Lisboa 200, p - 453

uma ‘glória’ que é diferente do tipo de glória que a sociedade de produção nos impele a perseguir – no trabalho, nas relações, talvez até no Movimento (!), através da busca de cargos e honrarias. Que glória? Pergunta das perguntas: qual é a *glória* que o coração verdadeiramente deseja? A resposta é simples, ainda que seja preciso «ter recebido uma grande graça», como diz Péguy, para que esta não pareça abstrata: aquela glória que João e André, Simão Pedro e todos os outros, viram brilhar na carne do homem Jesus:

E nós vimos a Sua glória, glória como de Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade (Jo 1,14c-d)

É no homem Jesus de Nazaré que surge finalmente no cenário da história a *vida verdadeira*, a *glória verdadeira*, aquela vida e aquela glória que o nosso coração desde sempre deseja, mas que por si próprio não poderia alcançar, mas que também nem saberia imaginar se esta não lhe tivesse aparecido à frente, como apareceu diante dos olhos de João, de Simão Pedro e do seu irmão André.

E então tentemos dizer alguma coisa sobre esta glória. A gaguejar, claro, mas devemos tentar [porque, afinal de contas, só há duas coisas – como disse uma vez *don* Giussani – das quais vale verdadeiramente a pena falar: o objetivo da vida e o caminho para lá chegar, a meta e o caminho].¹⁸ E Cristo, como estamos a ver na nova Escola de Comunidade, o homem Jesus Cristo, é ambas as coisas: «eu sou o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,6). «Eu sou a vida» quer dizer: “eu sou a meta, o objetivo”, porque o objetivo para o qual tu és feito é entrar cada vez mais na minha vida, ou seja, na minha mentalidade, *no meu ponto de vista* sobre a mulher, sobre o trabalho, sobre todas as coisas. Este é o objetivo, senão Cristo, a familiaridade com Cristo continua a ser um bonito castelo na areia, continua a ser uma coisa que não se percebe bem o que é.¹⁹ Mas Cristo diz também: «Eu sou o caminho». Sou o caminho porque é olhando para mim, seguindo-me, *ficando* comigo que tu podes entrar na minha vida. Foi assim para os primeiros: «*e ficaram com Ele* aquele dia» (Jo 1,39). E é assim para nós. E então nós devemos ajudar-nos a olhá-Lo no rosto, a este Cristo. Estamos juntos para isso.

Tentemos então, pela enésima vez, identificar-nos, como *don* Gius nos ensinou a fazer, com os primeiros que o encontraram, João e André. Quantas vezes *don* Giussani nos convidou a imaginarmos o que acontece naquela famosa primeira tarde que João e André passaram com Ele, quando foram ver «*onde morava*» (Jo 1,39). Pois bem, permitam-me ousar uma variação em relação ao relato de *don* Gius. Imaginemos que não o «viram falar», apenas. Imaginemos que Jesus lhes tenha também mostrado a oficina, chamemos-lhe assim, onde tinha passado tantas horas, dias, às vezes também noites, na sua primeira juventude, a entalhar cadeiras, mesas, arados e tantas outras coisas, em companhia de José. Está bem, é com efeito improvável que tenha feito isso naquela tarde (até porque é igualmente improvável

¹⁸ «Falar idealmente da vida quer dizer identificar a objetivo da vida e a estrada para lá chegar, que não é minimamente pensável ou imaginável por nenhum de vós, mas dada» (L. GIUSSANI, *O eu, o poder, as obras*, Lucerna, Cascais 2019, p. 67).

¹⁹ «A fé abre a uma “mentalidade diferente” daquela em que nos introduzimos todas as manhãs ao levantar e sair de casa (mas também em casa): uma mentalidade diferente (a mentalidade é o *ponto de vista do qual o homem parte para todas as suas ações*). (...) A primeira incidência que a imitação de Cristo tem na vida do homem (...) é uma mentalidade nova, uma consciência nova, não redutível a nenhuma lei do Estado ou a nenhuma prática social, uma consciência nova como fonte e como reflexo de relação autêntica com a realidade, em todos os detalhes que a existência implica» (L. GIUSSANI, *Dar a vida pela obra de Outro*, op cit., pp. 119-120).

que a casa onde os levou naquele dia fosse em Nazaré, dada a distância). Mas imaginemos que o tenha feito alguma outra vez, mais à frente, quando João e André já eram seus discípulos, e ele já tinha começado a fazer milagres e era então o homem do momento, procurado e reverenciado pelas multidões. Imaginemos o espanto, aliás, o desconcerto de João – que era o mais reflexivo, o mais profundo dos discípulos – ao ver o cuidado extremo, a meticolosa paciência com que o mestre passa um dia inteiro a entalhar uma cadeira – uma *única cadeira* (!) – que decidiu fazer para fulano de tal, quando lá fora está uma multidão de milhares de pessoas que espera ver algum dos seus milagres. «Mas como, estão todos à tua procura!» E ele, em vez disso, está ali e entalha, entalha, entalha... Imaginemos João, que olha à sua volta, observa as ferramentas, uma por uma, e vê passar diante dos olhos, como num rápido *flash back*, todos os anos que Jesus tinha passado ali, no anonimato, a aplainar mesas – ele que com estalar de dedos podia saciar as multidões, ele que com o fascínio da sua voz podia enfeitiçar o mundo inteiro. Porquê?

João não percebia. Naquela altura, não percebia. Percebeu depois, muitos anos depois, com a ajuda do Espírito (cf. Jo 16, 12-15), porque sem a ajuda do Espírito – pode parecer um parêntesis, mas de facto não o é – não se percebe nada de Cristo, e com efeito, *don* Giussani sempre nos disse que não existe nenhuma oração, nenhuma jaculatória mais importante para nós do que esta: *veni Sancte Spiritus, veni per Mariam*. Nada é mais importante do que mendigar o Espírito, porque sem a Sua ajuda fica-se sempre na antecâmara e não se entra no âmago da questão, fica-se sempre no início e volta-se a querer sempre a mesma coisa, como as crianças que querem sempre um lanche mesmo quando têm ali à sua frente o melhor e mais nutritivo bife do mundo. Pois bem, o que é que João *depois* percebeu? Percebeu que a glória que Jesus procurava não era como aquela que os fariseus e os escribas procuravam. Era uma glória diferente.

De que glória se tratava? «E nós vemos a *sua glória* – *glória como de Filho Unigénito do Pai*»: era glória de Filho, glória de alguém para quem toda a honra, toda a vanglória, toda a satisfação estavam em responder ao Seu Pai, no dar-se instante a instante à missão que o Pai lhe dava, quer se tratasse de saciar 5 mil pessoas ou aplainar uma mesa para o senhor X. Como é bonito, neste sentido, o início do Pai Nosso! «Quando rezarem digam: Pai nosso que *estás nos céus*». *Que estás nos céus*. Por que *nos céus*? Porque o céu é vastidão infinita e ao mesmo tempo é luz, fonte de luz que ilumina as coisas. Não sei se já estiveram na Palestina e viram como parecem as silhuetas das pessoas, quando estamos no deserto e temos como pano de fundo a imensidão do céu. Pois bem, Pai nosso que *estás nos céus*, significa: Pai, que és o fundo que envolve de infinito e de luz todas as coisas, o rosto de Nossa Senhora como o do leproso, a multidão esfaimada e a madeira da mesa para o senhor X.

Tudo para ele era grande, tudo. Também – e aliás, é preciso dizer ainda mais – a tarefa mais escondida, humilde e até humilhante, mortificante. Porquê? Porque «quanto mais escondido, tanto mais amor»²⁰ –

²⁰ «O amor só está encerrado na ação que estamos a realizar: qualquer ação; e quanto mais silenciosa, e limitada em relação ao desejo impetuoso e expansivo do coração, tanto mais “amor”» (L. GIUSSANI, *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*, San Paolo, Cinisello Balsamo-Mi 2007, p. 38). Também numa carta anterior, o jovem Giussani insistira já na mesma ideia, aplicando-a ao estudo: «E agora regresso aos meus livros: e penso que é desde março até hoje [...] que estou debruçado sobre os livros, com uma intensidade de estudo igual àquela, tão exigente, do liceu clássico. Estou cansado?... Esta limitação, esta solidão, esta silenciosa e cansativa renúncia à expansão viva do ímpeto de afeto que me regurgita no coração é mesmo um grande sacrifício. Irei fazê-lo durante toda a vida. Precisamente porque é puro sacrifício, agudíssimo sacrifício, silencioso e ignorado sacrifício» (*ibidem*, pp. 32-33).

escreve *don* Giussani, numa das suas impressionantes cartas juvenis a Angelo Majo. Porque era precisamente aquela missão que lhe permitia espalhar ainda mais «a sua glória de Filho», ou seja, de mostrar *até que ponto* era Filho, *até que ponto* amava o Pai; e ao mesmo tempo mostrar *até que ponto* da caridade, ou seja, da paixão pelo bem de cada indivíduo, que da paz daquela Filiação irrompia nele. «Mas vá lá, Senhor, faz um belo milagre diante de todos, para que o mundo creia!» (cf. Jo 7,4!). E, em vez disso, nada: este, hoje, nada de milagres. Este hoje entalha. Por que é que hoje entalha? Para que também o senhor X saiba que vale tanto quanto os 5 mil, para que o senhor X saiba que vale um dia do Rei. Para dizer a verdade, também a sua forma de fazer milagres muitas vezes era estranha. Como daquela vez, quando em Caná da Galileia tinha mudado a água em vinho, o seu primeiro “grande” sinal. Aquele com que – assim relata João – tinha pela primeira vez *manifestado a «sua glória»* (Jo 2,11). Pena que mesmo entre os presentes na festa muito poucos tivessem sabido o que tinha feito, se for verdade que quem arrecadou os louros do chefe de mesa por ter fornecido um tão delicioso vinho foi o esposo, não Ele!²¹ Uma estranha forma de «manifestar a sua glória»... Tão estranha que nos é espontâneo perguntar: mas que glória é esta? A «*sua glória, (...) cheia de graça e de verdade*» (Jo 1,14b). Uma glória diferente daquela que os homens procuram, é verdade. Porém, feitas as contas, a única glória verdadeiramente «cheia de graça e verdade», ou seja, a única glória que verdadeiramente corresponde ao coração, ao nosso coração.

Qual é a glória para a qual o homem é feito? Segundo a Bíblia, sabemos-lo, a resposta é esta: tornarmos-nos semelhantes a Deus, assemelharmo-nos a Deus (Gn 1,27). Mas o que quer dizer assemelhar-se a Deus? Eis a verdadeira pergunta. De facto, se Cristo não tivesse vindo, nós não teríamos senão uma vaguíssima ideia do que isto significa. Simplesmente porque «Ninguém jamais viu a Deus» (Jo 1, 18): «Ninguém jamais viu a Deus, escreve João no final do prólogo do seu Evangelho. Ninguém a não ser ele, o homem Jesus: «O Unigénito de Deus, que está no seio do Pai, Ele mesmo é que O deu a conhecer» (Jo 1,18) – ele viu Deus, conhece-o e por isso move-se enquanto homem da forma que se move: para imitar aquele Deus que Ele viu, para refletir em cada gesto seu, em cada movimento seu, a glória daquele Deus que só Ele viu. E como é este Deus? O que é que, afinal de contas, só Ele sabe de Deus, enquanto os fariseus, que, porém, sabem de cor todas as Escrituras, não sabem? Que Deus é caridade, *Deus caritas est*, diz São João.²² Deus é *puro dom de si*, traduz *don* Giussani.²³ Aquilo que Jesus sabe e que os fariseus e os escribas não sabem, é que a glória do verdadeiro Deus é glória de um Deus cuja alegria, cuja vida não consiste em mais nada senão em dar-se todo a si, toda a sua substância a Outro, ao Filho. Deus é caridade, dom de si total. O que apraz o Pai? A alegria do Pai está toda no dar ao Filho *tudo aquilo que é seu*. É isto que Jesus sabe e que os seus adversários ignoram.

A este ponto, podia objetar-se: mas o que é que muda o saber ou não saber “como é Deus”? Muda tudo! Porque, como dissemos, todos aspiramos a “ser como Deus”, não há nada a fazer. Não só os fariseus e

²¹ «O chefe de mesa provou a água convertida em vinho (ele não sabia de onde viera, ainda que o soubessem os serventes, porque tinham tirado a água), chamou o esposo e disse-lhe: “Todos servem primeiro o bom vinho e, quando já os convidados beberam bem, servem o inferior; tu, pelo contrário, tiveste o bom vinho guardado até agora”». (Jo 2,9-10).

²² «Como se explica a natureza de Deus, como é que nos foi explicada por Ele, para além de todas as imagens que as filosofias humanas conseguiram construir? É uma fonte do ser que se dá totalmente e assim é gerado o Filho, e é desta relação que jorra uma energia amorosa e comovida tale e qual como a deles, que é o Espírito Santo. E, de facto, São João diz que *Deus caritas est*, Deus é amor» (L. GIUSSANI, *É possível viver assim?*, Vol.III, Caridade, Tenacitas, Coimbra 2007, pp. 33-34).

²³ Cf. L. GIUSSANI, *É possível viver assim?*, Vol.III, Caridade, op. cit, pp. 36-39.

os escribas, mas também nós. Conscientemente ou não, é o que todos desejamos. É errado? Não, não é errado. Foi Deus que nos fez assim: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança» (Gn 1,27), diz o Livro do Génesis. O problema então é outro. O problema é que sem Cristo, sem a graça do encontro com Ele, é como se se tornasse impossível chegar a perceber o que quer dizer «ser como Deus». E isto acontece, dissemo-lo, porque não conhecemos Deus! Jesus, pelo contrário, conhece-o, como Ele repete continuamente nos diálogos mantidos com os fariseus que estamos a ler na missa nestes dias: «Se disser que não O conheço, seria mentiroso como vós. Mas conheço-O e guardo a Sua palavra» (Jo 8,55). «Eu conheço-o, acreditem-me, conheço-o! E por isso me movo como me movo, vou aonde vou, faço aquilo que faço». É na medida em que conhece o Pai que Jesus procura a glória que procura. Que glória? A glória que encontra no servir, no dar-se totalmente para que João viva, para que Simão viva, para que André viva, tal como o Pai encontra a Sua glória no gerá-Lo, no amá-Lo: «Como o Pai me amou, assim Eu vos amei» (Jo 15,9a).

Não há para mim cena, em todos os Evangelhos, em que tudo isto seja de forma mais forte e, ao mesmo tempo, mais impressionantemente expresso (não por palavras, diga-se, não por palavras, mas com um gesto, uma ação) do que o lavar dos pés, tal como é contado no capítulo 13 do Evangelho de João. E então, acabamos colocando-nos juntos diante desta cena, que é verdadeiramente o ícone supremo da conceção nova de trabalho, aliás, do *gosto* novo da ação, que Cristo trouxe ao mundo e que, por osmose, se comunica a pouco e pouco também a nós, se tivermos a simplicidade de estar com ele, de ficarmos ligados a Ele, presente na nossa companhia:

[2] Durante a ceia, (...) [3] Jesus, sabendo que o Pai tinha posto nas Suas mãos todas as coisas, que saíra de Deus e voltava para Deus, [4] levantou-se da mesa, depôs as vestes e, pegando numa toalha, cingiu-se com ela. [5] Depois deitou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido.

Só uma breve chamada de atenção para dois pontos, para comentar estas poucas, mas grandiosas linhas. Primeiro ponto: «*Durante a ceia*»: em João, é sempre nos pormenores, nos aspetos particulares aparentemente marginais, que reluz o que é maior. É assim aqui: não *antes* da ceia nem *depois* da ceia, mas Jesus levanta-se para lavar os pés aos seus *durante* a ceia – o que parece absurdo, insensato. Mas como? Levantas-te para lavar os pés aos teus no meio do banquete? «Sim, quero fazê-lo no meio do banquete». Porquê? Mas é óbvio! Para dizer aos seus que, para ele, para o homem Jesus, lavar os pés aos seus é um prazer, uma ação que sente gosto em fazer, tal como sente gosto em beber um copo de bom vinho.

Segundo ponto: *Sabendo que o Pai tinha posto nas suas mãos todas as coisas* (sabendo que tinha chegado o momento de assumir o trono que o esperava, sabendo que estava destinado a reinar sobre todo o mundo) *e que saíra de Deus e voltava para Deus, levantou-se da mesa, etc. (...).*

«*Sabendo que*»: aqui temos um daqueles raros momentos em que João é como se nos permitisse espreitar por um instante no coração humano de Cristo, aquele coração a cujo íntimo ele, o discípulo amado, teve mais acesso do que qualquer outro – relembro, já agora, que João não só era o mais próximo de Jesus durante a ceia, como também escreve o seu Evangelho sob inspiração do Espírito Santo, por isso não nos

conta histórias. E o que é que diz? Que o Senhor, a uma dada altura da ceia, está de tal maneira dominado pelo pensamento de que a Sua hora já chegou, a hora em que deve cumprir a obra que o Pai lhe confiou, antes de voltar para Ele, que é como se já não conseguisse estar ali sentado, deitado. Tem de dizer aos seus aquilo que está para fazer. Aliás, mais do que dizer, deve fazer um gesto, um gesto que seja como que o símbolo daquilo que está para fazer – que é a sua maior obra, a obra que lhe dará o poder sobre todo o universo, que é morte de cruz (!). E qual é esse gesto? «Levantou-se da mesa» – imaginemo-lo, a este Jesus, que se levanta, todo consciente da sua régia missão – levantou-se da mesa e...e o que é que faz? «Depôs as vestes e, pegando numa toalha, cingiu-se com ela. Depois deitou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos». Ora essa! como é que se conjugam a imagem deste Jesus que se levanta com o olhar dum soberano que parecia estar para fazer sabe-se lá o quê, e o gesto de escravo que faz a seguir? Conjugam-se porque isto quer dizer, para Jesus, ter «nas mãos todas as coisas», (Jo 13,3): usar as suas mãos “venerandas” para lavar os pés aos seus.

Cá está: a revolução cristã, a revolução que Cristo introduz na forma de conceber não só o trabalho, entendido como profissão, mas qualquer ação, está toda aqui, nesta mudança de perspectiva para a qual uma ação, que aos olhos do mundo parece humilhante, mortificante, se enche de glória, de grandeza e por isso de gosto – um gosto que é incomparavelmente superior até ao maior sucesso profissional.

Deixem então que vos leia, quase como que a coroar todo o percurso feito, uma carta (recebi-a ontem) que me enviou um amigo de Boston. Chama-se Luca, e esteve doente, com uma leucemia grave, no período em que a mulher estava grávida do seu terceiro filho. É assim que Luca descreve aquilo que viveu e aprendeu no misterioso tempo da doença: «Quero contar-te a experiência que fiz nos últimos dois anos, desde que, em outubro de 2020, me foi diagnosticada uma leucemia aguda e fui internado para fazer quimioterapia e um transplante de medula, tudo no espaço de um par de meses e quando a minha mulher estava à espera, de oito meses, do nosso terceiro filho, Carlo, chamado assim por causa do beato Carlo Acutis que contribuiu para a minha cura [ainda por cima, está sepultado aqui em Assis]. O Carlo nasceu quando eu estava internado em isolamento absoluto, três dias depois do transplante. Durante muitos meses estive debilitado e incapaz de fazer o que quer que fosse, como construir um “lego” com o Giovanni, o nosso filho mais velho que tem agora nove anos. Perguntei-me muitas vezes que valor tinha naquelas condições, num mundo em que se não consegues fazer nada não és nada. Três ou quatro meses depois do transplante, pus pela primeira vez os pés lá fora, no jardim, mal conseguia andar. O Giovanni vem ter comigo e diz-me “vamos, pai, vamos jogar à bola”. Isto fez-me voltar a perceber quem sou: para ele, eu era simplesmente o seu pai. Não se tinha sequer apercebido do quão debilitado e incapaz eu estava. Percebi que uma pessoa descobre o seu valor pela forma como é olhada por quem a ama, que é sinal de Cristo que me ama. Só na relação com um amor gratuito é que eu percebo o meu verdadeiro valor».